

CLIPPING

03/2020

07 de Fevereiro de 2020

EDUCAÇÃO

- Oferta da Cogna reduz alavancagem e abre brecha para futuras aquisições, diz Citi
- Cogna já tem elevada demanda em oferta de ações
- Com demanda alta, oferta de ações da Cogna deve movimentar mais de R\$ 2,7 bilhões
- Ânima sobe quase 2% com precificação de oferta a R\$ 36,25 e captação de R\$ 1,38 bilhão
- Ânima Educação precifica oferta de ações a R\$ 36,25
- Dynamo passa a deter 4,89% de participação na Ânima Educação
- Educação básica registra queda de 1,2% nas matrículas, aponta censo do Inep
- Inadimplência do Fies aumentou cerca de 23% após programa de renegociação



Oferta da Cogna reduz alavancagem e abre brecha para futuras aquisições, diz Citi

Conselho da holding de educação aprovou oferta pública de ações

A oferta de ações da Cogna (holding da Kroton), aprovada pelo conselho da empresa de educação, reduzirá a alavancagem e dará flexibilidade à companhia para futuras fusões e aquisições, dizem os analistas do Citi.

Na última sexta-feira, a Cogna anunciou uma oferta pública de 172 milhões de ações, que pode ser aumentada em até 60 milhões de ações. Com base no preço de fechamento da sexta-feira, de R\$ 11,62, a oferta pode levantar de R\$ 2 bilhões a R\$ 2,7 bilhões.

Embora não esperassem a oferta pública de ações anunciada pela Cogna, os analistas do Citi destacam que é compreensível que a administração da empresa esteja buscando aproveitar o momento favorável do mercado de capitais para reduzir sua alavancagem. O banco avalia que a alavancagem da empresa recue da estimativa de 2,8 vezes para cerca de 2 vezes a 1,8 vez após a oferta pública de ações.

A oferta também poderia colocar, de acordo com os analistas, a Cogna de volta ao jogo das fusões e aquisições que ocorreram no setor de educação em 2019. "A Cogna foi 'deixada de fora da festa', devido à sua maior alavancagem após a aquisição da Somos, enquanto a geração de fluxo de caixa também foi pior", escrevem os analistas.

A oferta e uma potencial abertura de capital da controlada Vasta poderiam permitir que a Cogna se envolvesse novamente em processos de fusões e aquisições, inclusive em ativos maiores.

Embora veja o anúncio da Cogna como um fator neutro, a equipe do Citi acredita que as ações podem ganhar força, impulsionadas por uma capitalização bem sucedida, a oferta pública inicial de ações da Vasta e expectativas de uma grande fusão.

O relatório lembra também que a empresa aproveitou o anúncio para descontinuar suas projeções para 2019. A equipe acredita que a descontinuidade das metas destaca as dificuldades que a empresa enfrenta, especialmente em suas operações de ensino superior no curto prazo.

Fonte: Valor



Cogna já tem elevada demanda em oferta de ações

Com investidores cada vez mais em busca de ativos em tempos de juros baixos no Brasil, a Cognia, ex-Kroton, já tem demanda para concluir sua oferta subsequente (follow on), dias antes da conclusão da oferta, na próxima semana, dia 11. Com a demanda já maior que o volume ofertado, nos bastidores já se espera que a oferta possa superar o inicialmente projetado, de R\$ 2,7 bilhões. Esses recursos, que irão ao caixa da companhia, serão utilizados para dar musculatura à estratégia de crescimento. Está na mira da empresa, por exemplo, aquisições no ensino superior.

E vem mais.

Em paralelo, a Cognia caminha para levar a Vasta Educacional, uma de suas subsidiárias, para uma oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) nos Estados Unidos. O sindicato de bancos já está contratado. Procurada, a Cognia não comentou.

Fonte: Estadão



Com demanda alta, oferta de ações da Cogna deve movimentar mais de R\$ 2,7 bilhões

A realidade de juros baixos está fazendo com que os investidores busquem oportunidades para retorno mais atrativo de seus recursos. Com isso, a demanda por ações da oferta subsequente da Cogna (COGN3) está bastante aquecida. De acordo com a edição desta sexta-feira da Coluna do Broad, do Estadão, a procura supera o volume ofertado e deve superar o montante inicialmente previsto de R\$ 2,7 bilhões.

O follow-on deve ser precificado na terça-feira (11) e o dinheiro que entrar para o caixa da companhia será utilizado para preparar a estratégia de crescimento.

Nos planos estão compras de instituições de ensino superior.

A Coluna destaca ainda que a companhia segue com os planos para levar à bolsa a Vasta Educacional, uma de suas subsidiárias. A expectativa é que a operação aconteça nos Estados Unidos e o sindicato de bancos já está contratado.

A presente oferta subsequente foi anunciada na semana passada e tem como objetivo levantar pelo menos R\$ 2 bilhões. A companhia vai distribuir em lote primário 172.117.040 ações ordinárias.

Nesta sexta-feira, as ações da companhia são negociadas em queda de 3,12% a R\$ 11,48.

Fonte: InfoMoney



Ânima sobe quase 2% com precificação de oferta a R\$ 36,25 e captação de R\$ 1,38 bilhão

Com a precificação de sua oferta de ações, a Ânima Holding opera com ganhos nesta quinta-feira. A operação primária foi definida em R\$ 36,25, movimentando assim R\$ 1,385 bilhão, de acordo com fato relevante disponível na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) na madrugada desta quinta-feira.

Desta forma, por volta das 11h45, os papéis (ANIM3) tinham alta de 1,43% a R\$ 36,96.

A oferta consistiu na distribuição pública primária de 30.350.720 ações, com esforços restritos de colocação, montante que foi acrescido em 35% (7.868.705) para atender excesso de demanda constatado no momento em que foi fixado o preço por ação (ações adicionais).

A operação representou um efetivo aumento do capital social da companhia de 1,1 bilhão de reais, mediante a emissão de 30.350.720 papéis. Assim, o novo capital social da Ânima passará a ser de 1,6 bilhão de reais, dividido em 110.559.237 ações ordinárias.

As ações emitidas no âmbito da oferta restrita passarão a ser negociadas na B3 a partir de 31 de janeiro, com a liquidação física e financeira das ações em 3 de fevereiro.

A companhia comunicou que pretende utilizar os recursos líquidos provenientes da oferta para financiar novas aquisições estratégicas bem como a investimentos nas atuais linhas de negócio da empresa.

Fonte: InfoMoney



Ânima Educação precifica oferta de ações a R\$ 36,25

A Ânima Educação (ANIM3) precificou ontem (29), a R\$ 36,25 por ação, sua oferta primária para o aumento de capital social da companhia. Foram emitidos 30,3 milhões de papéis ordinários, totalizando o montante de R\$ 1,1 bilhão.

A companhia acrescentou 35% de ações no total de papéis inicialmente ofertados, que passarão a ser negociados a partir desta sexta-feira (31). A liquidação física e financeira acontecerá em 3 de fevereiro.

Com a operação, o novo capital social da Ânima soma R\$ 1,6 bilhão, dividido em 110,5 milhões de ações.

Os recursos líquidos advindos da oferta serão usados para financiar novas aquisições estratégicas e investir nas linhas de negócio já existentes.

A coordenação da oferta fica a cargo da XP Investimentos, do Bradesco BBI, do JPMorgan e do Itaú BBA. Também foram realizados esforços de colocação das ações no exterior.

Fonte: InfoMoney



Dynamo passa a deter 4,89% de participação na Ânima Educação

A Dynamo atingiu o montante de 3,9 milhões de ações da Ânima Educação (ANIM3), de acordo com o comunicado divulgado pela companhia nesta terça-feira (28). A participação corresponde a 4,89% do total de papéis ordinários da empresa.

Segundo a gestora, a participação detida não tem o objetivo de alterar a composição de controle ou a estrutura administrativa da Ânima. A operação também não visa atingir nenhum percentual de posição acionária em particular.

Fonte: InfoMoney



Educação básica registra queda de 1,2% nas matrículas, aponta censo do Inep

Dados revelam aumento de matrículas em creches públicas e redução de alunos na EJA Educação infantil

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou na sexta-feira (31) os dados do Censo Escolar da Educação Básica 2019, que tem informações sobre o ensino infantil, fundamental e médio no Brasil.

Os principais destaques são a queda de matrículas no ensino médio e o aumento na procura por creches públicas.

Segundo o Censo, houve queda de 1,2% no total de matrículas na educação básica. Em 2019 eram 47.874.246 alunos, cerca de 582 mil a menos do que em 2018.

O Censo mostra que estes alunos estão em 180.610 escolas, sendo que a rede municipal é a responsável por 60% delas, somando 48% dos alunos. Os dados mostram que 88,9% dos alunos se encontram em áreas urbanas.

A especialista Catarina de Almeida Santos, integrante da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE), ressalta que os dados oficiais são importantes, mas precisam ser analisados dentro de um contexto.

"Para entendermos a educação como um todo, não basta que o Inep me diga que nós temos tantos milhões de estudantes matriculados. Temos que saber, também, quantos estão fora da escola. Temos que entender para quantos estamos negando o direito à educação. Isso é muito importante para pensar políticas pública e tentar sanar os problemas." - Catarina de Almeida Santos, coordenadora do Comitê do Distrito Federal da CNDE

O número de matrículas na educação infantil cresceu 12,6% de 2015 a 2019, atingindo 8,9 milhões em 2019. Esse crescimento ocorreu, principalmente, por causa do acréscimo de 706 mil matrículas em creches no período.

A educação infantil possui o maior número de escolas do ensino básico: são 114.851 (63,6%). Destas, 71,4 mil são creches, que atendem 3.755.092 alunos.

Entre os atendidos nas creches, 34,6% estão matriculados na rede privada e, 45,3%, em instituições conveniadas com o poder público.

As matrículas em creches públicas cresceram e, em 2019, atingiram 2.456.583 crianças de 0 a 3 anos. O número é 4,4% maior do que no ano anterior, quando 2.352.032 crianças foram matriculadas nessas unidades escolares.

Um dos pontos do Censo destacados pela especialista Catarina de Almeida Santos é o fato das escolas municipais receberem a maior quantidade de alunos.

Ela avalia que este dado é bastante contraditório, já que esses os municípios são os que recebem menos verbas de educação.

Santos destaca que os municípios acabam sendo os principais responsáveis pela educação infantil-fase escolar que tem o custo por alunos mais alto.

"Quando a gente coloca maior responsabilidade no sistema que menos arrecada e não garante políticas federais ou maior repasse de verba, você entende porque que os municípios não estão aumentando a quantidade de matrícula", explica Catarina Santos.





Ensino médio e fundamental

No ensino médio há 7,5 milhões de matrículas, número que confirma a tendência de queda dos anos anteriores. Em 2018, foram 7,7 milhões de matrículas. O Inep afirma que a queda "se deve à redução da entrada do ensino fundamental (a matrícula do 9º ano caiu 8,3% de 2014 a 2018) quanto à melhoria do fluxo no ensino médio (a taxa de aprovação do ensino médio subiu 3,1% de 2014 a 2018). Nos últimos cinco anos, o número total de matrículas do ensino médio reduziu 7,6%".

Segundo Santos, a queda na matrícula do ensino fundamental não significa falta de demanda por educação, mas pode ocorrer por falta de vagas, o que, segundo ela, também acontece no ensino médio.

"É importante cruzar esses dados do Censo, com os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) da Educação que mostram que existem muitas pessoas que não concluíram nem o ensino fundamental nem o ensino médio. Isso mostra que há demanda. Temos que lembrar que a nossa Constituição estabelece que todos no país tem direito a educação", pontua Santos.

Os dados da Pnad, pesquisa que a professora cita, mostram que 53% da população brasileira com 25 anos ou mais de idade não havia completado a educação escolar básica e obrigatória em 2018.

EJA

Um das alternativas para esses alunos que não puderam concluir o ensino básico é recorrer à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Mas, segundo os dados do Censo, o número de matrículas também vem caindo.

Segundo o Censo Escolar 2019, o número de matrículas na EJA diminuiu 7,7%, chegando a 3,2 milhões em 2019. O Inep reconhece que o EJA virou saída para estudantes que "repetiram" no ensino regular.

"Essa modalidade vem recebendo alunos do ensino regular. De 2018 para 2019, o ensino fundamental e 200 mil do ensino médio migraram para a EJA São alunos com histórico de retenção em busca de meios para conclusão da educação básica" - nota do Inep Santos analisa que um dos principais problemas nos dados do Censo é essa queda das matrículas no EJA.

Isso, segundo ela, aponta para uma redução da oferta de ensino para um perfil social que tem uma grande demanda. Os dados da Pnad apontam que mais da metade da população brasileira acima dos 25 anos não concluiu o ensino básico.

Fonte: G1



Inadimplência do Fies aumentou cerca de 23% após programa de renegociação

Dados obtidos pela IV Globo mostram que, em dezembro de 2019, 700 mil contratos estavam com mais de 90 dias de atraso nas parcelas, ou 47% do total.

O número de contratos do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) considerados inadimplentes aumentou cerca de 23% após a realização do programa de renegociação do governo federal.

Em abril do ano passado, quando foram estabelecidos os prazos para estudantes devedores, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) afirmou que 567 mil contratos estavam com pelo menos 90 dias de atraso no pagamento das parcelas da dívida e se encaixavam nos critérios para aderir à renegociação.

Segundo informações encaminhadas à IV Globo pelo FNDE na semana passada, em dezembro de 2019 esse número havia subido para 700 mil.

Desse total, 190 mil, ou 27%, são contratos firmados por estudantes de São Paulo.

Os inadimplentes do Fies representam cerca de 47% do total de 1,5 milhão de contratos atualmente na fase da amortização, ou seja, depois que o estudante já terminou o curso de graduação e já passou do período de carência, e agora precisa devolver o dinheiro emprestado em pagamentos mensais. Os valores divulgados pelo FNDE para o mês de dezembro são aproximados. O FNDE considera inadimplentes apenas os contratos que tenham a partir de 90 dias de atraso nos pagamentos.

Mas, considerando todos os contratos com pelo menos um dia de atraso nas parcelas, o número de estudantes que não conseguem pagar o Fies em dia sobe para 909 mil.

Renegociação atraiu 2% dos estudantes

Em abril de 2019, o governo federal começou a tirar do papel um plano para tentar reduzir a inadimplência do Fies. Segundo o FNDE, 567 mil deles se encaixavam no pré-requisito: estarem inadimplentes no segundo semestre de 2017.

A princípio, esses devedores teriam entre 29 de abril e 29 de julho do ano passado para aderir ao programa, que ofereceria novas formas de parcelamento da dívida.

No decorrer do ano, porém, o prazo de adesão acabou prorrogado até 10 de outubro. Em novembro, o MEC afirmou ao G1 que 2% dos 567 mil inadimplentes haviam cumprido as condições de renegociação. Com isso, a iniciativa do governo conseguiu reaver 14% dos recursos atrasados, que somavam na época R\$ 2,5 bilhões.

Financiamento em queda

O Fies existe desde 2001, mas foi só em 2010, quando o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) passou a operar o fundo, que ele cresceu exponencialmente. Além da Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil passou a atuar como agente financeiro do Fies, e a taxa de juros, que chegava a 6,5% ao ano para estudantes de alguns cursos, foi reduzida a 3,4% ao ano para todos os cursos.





Além disso, não havia um período limite de inscrições ou um número limite de vagas oferecidas por semestre.

o programa chegou a ser, em 2014, a principal forma de calouros em cursos de graduação de instituições privadas financiarem sua faculdade. Mas as novas restrições impostas pelo governo federal fizeram com que a porcentagem de ingressantes com contrato do Fies caísse de 21,3% naquele ano para 5,7% em 2017.

Fonte: G1

